

Querida Cecilia o seu texto é um jogo com a fronteira do real e do imaginário. Me provocou um estranhamento desde o início rompendo a relação do tempo: passado - presente - futuro, e o dentro e fora : fala - pensamento

A sua conversa interna me fez lembrar os contos de Julio Cortázar que brinca com a lógica e transforma o sentido - uma escrita que deslocou o meu corpo reinventando sentidos.

Minha querida a sua liberdade me lembrou muito a escrita automática e depois de mergulhar nas palavras as imagens foram se dando junto com a minha memória.

Algumas imagens me remeteram a lembranças da infância que foram se atualizando no agora e na projeção do depois.

Pensei na lógica de composição de filmes e séries atuais, acho que pelo ritmo de produção de imagens e pela sequência em que elas vão surgindo.

em um momento fiquei muito mas muito incomodada porque apareceu a pergunta clássica, o clichê contemporâneo : " o que você faria se soubesse que iria morrer amanhã?" Tive uma reação imediata de rejeição. Uma pergunta uma frase que me remete a minha própria experiência e essa rejeição foi se transformando , como no seu texto, um debate comigo mesma sobre o sentido das palavras na experiência e pensei sobre uma conversa , uma outra carta que recebi de um grande amigo, que se chama Felipe Ribeiro, sobre clichê:

" Muitas pessoas usam o clichê acreditando no que eles querem dizer, e aí eles são fracos e vazios. Quando a gente usa o clichê deixando claro que ele é clichê, ele se torna algo novo, porque ele perde sua função de comunicação e se torna um objeto. Se a gente entra numa de que vai conseguir se livrar para sempre dos clichês a gente só cria mais clichês, Agora se a gente admite que clichê é toda imagem que se fecha em si, toda imagem que traz uma definição a priori, a gente pode usá-lo diferentemente. Sabe a conversa sobre a paciência? então, é justo isso.

você olha uma imagem e diz: já conheço. ^{no} ~~ela~~ ^{cê} ~~ela~~ diz: nossa eu conheço essa imagem, mas não nestes termos, neste contexto. Como pode essa imagem que eu pensei já ter-me dito tudo, se apresentar de uma forma tão diferente para mim agora? como posso eu ver o novo em algo que achei já conhecer. "

depois de me lembrar da carta me dei e a liberdade, que o seu próprio texto me provocou, e pensei como brincar com o que me incomoda, então resolvi brincar com a pergunta em outro contexto e me lembrei de uma proposta dos dramaturgos Gustavo Colombini e André Felipe. Proposta que fizeram durante a Mostra Hifen depois de assistirem Finita. A proposta deles era que todas as falas fossem perguntas e no meu jogo com o seu texto resolvi separar as perguntas para imaginar que ficção se cria a partir delas e mandar de presente para você.

Mas o que ela tanto olha pelo retrovisor? mas que tipo de coisa daria conta? como é que faz para explicar? Mas esse jeito de olhar? Você esta sendo perseguida? como é que você adivinhou o que eu ia falar? Pelo retrovisor? o que? O que é qualquer coisa de errado perto de tudo que já esta tão errado no mundo? Terá sido o ultimo? Quem meu deus, quem? as duas versões comprovam o fato? Quem sabe você não sonhou? e qual não é? aterrada com a imagem recém vista? O que impediria? Cadê o queijo? Estaria na minha barriga aquele queijo? a qual delas me refiro? ou divisórias? Como assim ossos que se pode ver? estáticos e afiados? e a lingua? Não estava só? Uma outra versão de mim sonharia com um gigante e queijo? uma pulsação misteriosa no universo? Para onde? que tinha sumido? Porque então insistia em reaparecer? Um dom errado que escapou de deus? Ou mosca? Porque em mim? Quantas coisas você não teria subitamente coragem de fazer? quantas? se me visse morta me mataria? um dia inteiro lidando com a certeza de que de que em instantes a vida teria fim? Para onde? De que adiantaria? para onde quer que fosse? eu não haveria de ir junto? Alô? você pode vir aqui me encontrar? como assim? O que? Ela te ligou primeiro? Ela? Você? o que esta acontecendo? talvez? se já estivemos juntas por tantas vezes? dos mesmos lençóis? não me reconhece mais?

mas o que ela olha tanto no retrovisor? que tipo de coisa daria conta?
como é que faz para explicar? mas esse jeito de olhar? você esta sendo
perseguida? como é que adivinhou o que eu ia falar? Pelo retrovisor?
O que? Um ator rebelde que reinventa texto? O que é qualquer coisa de
errado perto de tudo que já esta tão errado no mundo? Você? cansado
de abri e fechar portas? Porque a sensação de repetição de dialogos?
isso tudo você já não disse? hoje ou ontem? Porque estamos repetindo
falas? Porque estamos repetindo falas? porque estamos repetindo falas?
Para quem? me supõe maluca?

Então eu aqui te mando este texto de perguntas de presente. E sigo
aqui pensando na idéia de uma coisa que se transforma em tantas
outras coisas e quando essa coisa abre um espaço para as minhas
próprias questões e me leva a muitos lugares numa imensa viagem com
as palavras numa mistura de propostas. Obrigada por seu texto que me
levou a tudo isso!

e quanto a pergunta que tanto me incomodou ...eu olho e digo :já
conheço!

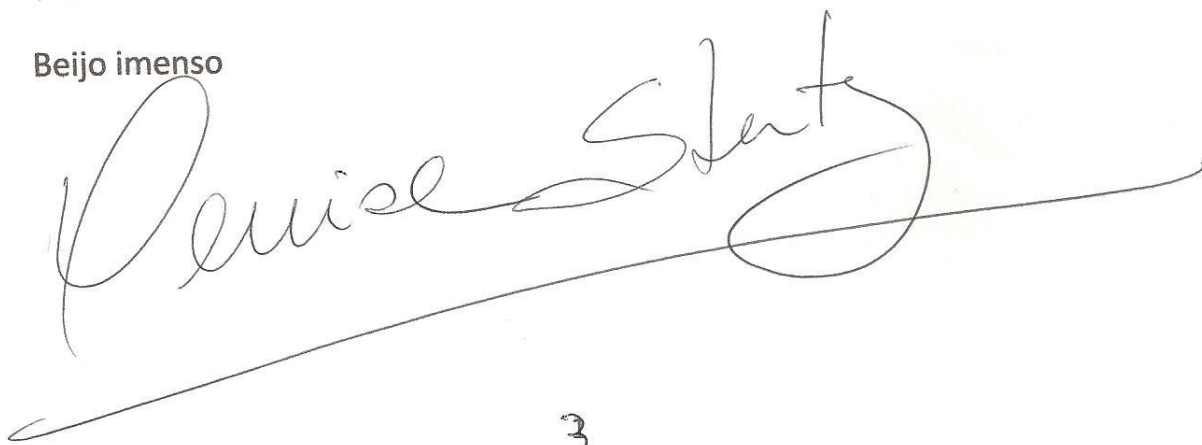
e olho outra vez e penso :mas não nestes termos mas não neste
contexto

Como pode essa pergunta se apresentar de uma forma tão diferente
para mim agora?

como posso eu ver o novo em algo que achava já conhecer tanto?

e mais obrigada a Felipe a Gustavo e a André felipe e a você por isso
também

Beijo imenso

A large, fluid handwritten signature in black ink, which appears to read 'Denise Slart'. The signature is written in a cursive style with long, sweeping strokes. A long horizontal line extends from the bottom of the signature across the page.